

IN MEMORIAM

JOÃO PAULO DE SOUSA ROCHA

(1955 a 2012)

Nascido a 4 de Dezembro de 1955, João Paulo Rocha faleceu em 23 de Junho de 2012.

Numa terra como a de Macau, em que se está a chegar e a partir, é difícil dizer que o importante é chegar.

Um dia, depois de muitas viagens, partiu. Como muitos outros, combateu o bom combate, combateu em vida, enquanto pôde, até à exaustão das suas forças, até ser vencido, sem fazer declaração de voto, que não deixou escrita, como a maioria de nós não escreve na lápide que será nosso testemunho depois de nos despedirmos.

Recordo um homem comprometido com a vida, exigente e generoso, destemido, que fez longas caminhadas, de que falava raramente, para além das cicatrizes da reparação das sequelas de várias lutas de campeão de judo e de esforçadas jornadas de râguebi ou de suaves canseiras de pesca desportiva de rio, ou de outras das experiências da vida que ia acumulando, da Amadora ou da Praia das Maçãs a Santarém, das Portas do Cerco a Coloane, tendo passado pela Taipa, pelo alto da Colina, de onde se vê ao longe Macau. E para quem puder ver ao longe, de onde se vê o Mar.

Recordo uma pessoa capaz de correr riscos para salvar uma vida, como nadador salvador, que foi, e incapaz de ficar indiferente às injustiças, designadamente às que atingiam os mais desprotegidos.

De 1998 ao final dos seus dias fomos convivendo, em anos de intenso trabalho, de desafios vários, em que se impunha um espírito de missão e solidariedade académica, e nele tive um colega exigente, dedicado e leal, disponível para o que fosse possível; mas era assim com todos, enquanto estudante, com os alunos, com os colegas e os amigos.

Com a exigência e o respeito recíprocos foi-se gerando uma amizade que perdura em boa memória.

Lembro o homem em luta com a dor e consigo mesmo para estar e continuar a estar presente, sem solução à vista para a doença com que ia combatendo, mas determinado a todos os esforços e sacrifícios, e que, além dos seus, se dedicava



à família de adopção, à qual não regateava esforços, nem apoio, mesmo quando já tinha dificuldade em assinar a folha de presenças, mesmo já quando tinha dificuldade em se movimentar, em que dava o seu exemplo de vida e dedicação a uma causa que fez sua, mas sabia que não era mais dele nem apenas nossa, ou nem mesmo nossa, senão na medida do que fosse possível.

A partilha de muitos momentos, muitas vezes acompanhados, outras em diálogo a dois, nas conversas de domingo à tarde, acompanhadas de chás variados que ia preparando com saber e empenho, permitiram-me ouvir várias reflexões, algumas interpelações e vários conselhos que recordo, e avivar várias memórias da vida académica em tempos em que nem isso ia restando.

Acompanhar um amigo à medida que as forças enfraquecem ensina como precisamos de contar com amigos certos, que são os que nós também precisaremos de ter até ao fim.

Manuel Trigo

